

A representação do negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal

Adelson Florêncio de Barros (PUC-SP)
Regina Célia Pagliuchi da Silveira (PUC-SP)

Introdução

Este texto está situado na Análise do Discurso Crítica (ADC) e tem por tema as estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor de textos multimodais para a representação do negro na sociedade brasileira. Objetiva-se: resgatar as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e verificar a inter-relação entre imagens e o verbal. O texto multimodal apresenta dificuldades para a sua compreensão, por ter sido o letramento, por muito tempo, direcionado para o texto verbal, razão essa que terá a necessidade em investigar a produção desses textos.

Kress e van Leeuwen (1996), preocupados com a multimodalidade, ao tratarem da mudança social ocorrida, durante a pós-modernidade, definem o texto multimodal como um produto do discurso, visto como uma ação, que combina o verbal com imagens e cores em uma semiose. Com a mudança social, os textos multimodais são colocados em uso por modos semióticos que se inter-relacionam de várias formas; assim, as representações verbais e visuais não podem se equivaler, pois completam-se ou mesmo contradizem o verbal. Frente ao exposto, justifica-se a pesquisa realizada. Além disso, as relações gramaticais funcionam ideologicamente, pois as representações contidas nelas são significativas e contribuem para a reprodução da ideologia e suas relações de dominação social, que a ADC objetiva denunciar.

O material analisado é constituído a partir de uma revista de História do Brasil, tematizadas pela escravatura no Brasil. O método é qualitativo com um procedimento teórico-analítico. Para exemplificação, apresenta-se a imagem de capa da revista impressa *História em Foco – História da Escravidão - Ano 2, número 3 – 2017*, tendo como texto base uma imagem do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada “O jantar”³. A revista trata da divulgação científica que se instaura com a intersecção os discursos: científico, jornalístico e propagandístico. Os resultados apresentados são parciais e participam de uma pesquisa mais ampla sobre as representações discursivas, ideológicas e culturais da escravidão brasileira.

Considerações teóricas: Análise do Discurso Crítica

A ADC analisa textos concretos, curtos e longos de interação social e caracteriza-se por uma visão crítica própria e específica para focalizar a relação existente entre

3. Também disponibilizada no site www.loja.editoraastrol.com.br.

a linguagem e a sociedade, além da relação existente entre a própria análise e as práticas sociais e discursivas analisadas. Dessa forma, a ADC focaliza, de modo multi e transdisciplinar, as relações entre sociedade e discurso, de acordo com Fairclough (2001), tendo por ponto de partida a dialética entre o social e o uso individual e intencional da linguagem.

A visão crítica está centrada em problemas sociais e busca analisá-los tanto em relação aos elementos das práticas sociais quanto aos das práticas discursivas, responsáveis pela produção interacional de textos. Para tanto, a argumentação é a arma mais útil do poder.

A vertente semiótica social

A semiótica social, representada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001) preocupa-se com a análise de textos multimodais, compostos com imagens, cores e múltiplos modos de representação semiótica, bem como o verbal e não-verbal. Logo, escolha, saliência e localização de imagens e enunciados verbais obedecem a uma gramática, orientada pelas práticas discursivas responsáveis pela produção dos textos, gerando metáforas visuais.

Essa gramática tem sua origem no resultado de uma solicitação contínua por métodos de análise para se entender a linguagem visual como um modo semiótico para operacionalizar a descrição das possibilidades concretas e sistemáticas de todos os significados veiculados na peça discursiva, a fim de revelar as estratégias que constituem o texto. Todas são interdependentes e todas têm uma motivação social e ideológica.

A Gramática do Design Visual – GDV, proposta por Kress e van Leeuwen (1996), é a descrição de como se organiza a sintaxe visual a partir da seleção, produção, organização e adaptação de uma série de recursos semióticos motivados socialmente.

Segundo Fairclough (2001, 2008), a prática discursiva se realiza como forma linguística, ou seja, como texto. Assim, a análise de um discurso como prática discursiva dá atenção aos processos de produção, de distribuição e de consumo do texto.

A multimodalidade decorre das mudanças que têm ocorrido no cenário interacional da comunicação onde se verifica uma profunda dinâmica no sistema de mídia e nos modos de representação e de comunicação, bem como no seu sistema de valorização.

Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que a modalidade visual se baseia em padrões de realidade, determinados cultural e historicamente, e não na correspondência objetiva entre a imagem visual e a realidade, definida independentemente, pois uma determinada imagem contém um grande número de informações representacionais, composicionais e significações interativas.

10 texto multimodal

Kress e van Leeuwen (1996) explicam que a pós-modernidade não é globalização. Existe uma diferença entre modernidade e globalização. A pós-modernidade apresenta outras características. A modernidade ela é globalizante, foi o momento onde se fundou todas as comunidades internacionais, nacionais e territoriais. O movimento globalizante começou com os portugueses na época da navegação. A globalização é divulgar as individualidades para elas se tornarem sociais globalizantes, mas com a invenção das altas tecnologias, as pessoas deixaram de ser globais. Inicialmente, elas se globalizaram na informação, mas depois elas passaram a ser isoladas, comprometendo a intersecção social. Antes, até a modernidade, existia texto multimodal, porém esses textos multimodais, as imagens e as cores, reproduziam o verbal, mas, na pós-modernidade, mudou. Os autores verificaram que os textos verbais conseguem representar em língua certas coisas, mas outras não.

Segundo a Teoria da Multimodalidade, os textos são considerados multimodais conforme realizam sentidos múltiplos. Kress e van Leeuwen (1996) traçam quatro domínios da prática, na qual os sentidos são predominantemente realizados: Discurso: são conhecimentos da realidade socialmente construídos. Design: é a conceitualização da forma dos produtos e dos eventos semióticos no entremeio entre o conteúdo e a expressão. Produção: é a articulação na forma material dos produtos e/ou eventos para produção material real do produto, envolvendo nesse processo: habilidades tecnológicas, manuais e visuais. Ao se inserir a habilidade discursiva e a dimensão ideológica no processo de produção, a prática discursiva ideológica passa a ser envolvida por três níveis: os processos de produção, distribuição e consumo de textos. Distribuição: é a divulgação dos produtos e dos eventos semióticos.

Na capa da revista selecionada e, a título de exemplificação, há um quadro que não está tratando da escravidão, pois a representação desse quadro está centrada na imagem e emoldurada com o verbal, mostrando que essa atitude não procede, pois o verbal modifica o visual.

Na perspectiva historiográfica, os produtores da revista estão se referindo a qualquer sistema escravocrata brasileiro, mas no intertexto eles citam Debret. Assim, ao analisar a composição dos textos multimodais, deve-se considerá-los como um produto de vários recursos semióticos e, sequentemente, estes podem ser analisados separadamente ou em conjunto, suas partes vistas como interagindo ou afetando as outras.

Cognição, sociedade e discurso segundo a vertente sócio-cognitiva

Para van Dijk (1997), há uma inter-relação entre três categorias para uma análise crítica do discurso: Sociedade, Discurso e Cognição, pois uma se define pela outra. Nesse sentido, todas as formas de cognição social e individual são construídas no e pelo discurso, em uma dialética, na medida em que o social guia o individual e este o modifica. A sociedade é constituída de grupos sociais que se diferenciam entre si pelas suas cognições sociais.

Segundo Silveira (2009), a ideologia e a cultura são conjuntos de valores contidos nas crenças sociais. A diferença entre elas é que a cultura compreende um conjunto de crenças cujos valores são construídos socialmente pelo vivido e experienciado pelas pessoas; e ideologia é um conjunto de valores imposto pelo poder aos grupos sociais com o objetivo de marginalizar pessoas e grupos sociais para haver a manutenção do poder.

Desde que as formas de conhecimento são construções mentais, elas são produzidas na memória de trabalho de longo prazo e armazenadas na memória das pessoas. Kintsch e van Dijk (1983) tratam das estratégias de compreensão discursiva, a partir do modelo de memória por armazéns que diferencia as memórias em de curto, de médio e de longo prazo.

O Discurso é definido como uma prática social, selecionada pelo grupo social, cujos textos-produtos estão em uso. Van Dijk (1997), ao inserir a categoria Cognição na inter-relação das categorias Sociedade e Discurso, para a ADC, afirma que todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso.

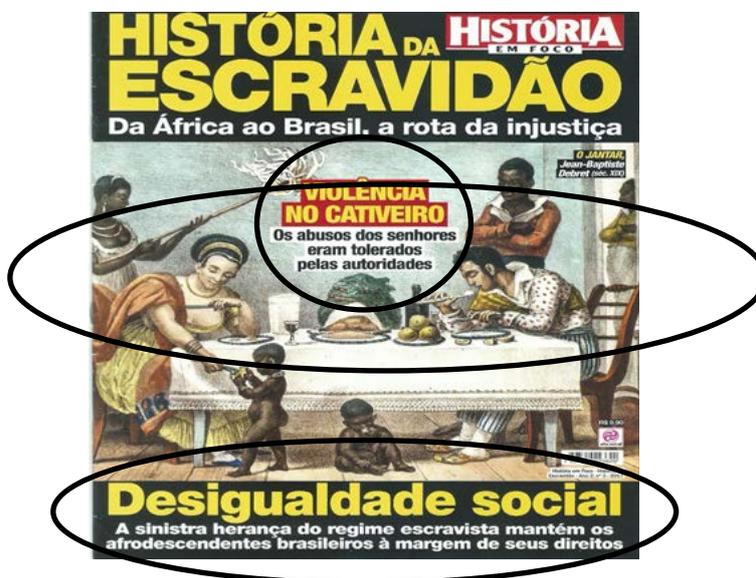
Há discursos públicos e eventos discursivos particulares. Os discursos públicos são definidos como prática social e esquematizados por um contexto discursivo mental que se define por participantes, suas funções e suas ações. Para van Dijk, há três categorias para analisar de forma crítica os discursos públicos: Poder, Controle e Acesso.

Corpus e procedimentos

A partir dos objetivos propostos, o corpus selecionado, a título de exemplificação, encontra-se constituído por uma capa de revista que também representa e é utilizada como uma imagem publicitária retirada da revista impressa *História em Foco*, da Editora Astral, cuja matéria de capa versa sobre a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, O composta pela imagem do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada “O jantar” do século XIX. Essa revista é de divulgação científica que se define pela intersecção do discurso científico com o discurso jornalístico e o propagandístico.

Cabe mencionar que no que diz respeito ao discurso jornalístico, tem-se a manchete “História da Escravidão” e a linha fina “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. No discurso propagandístico, a manchete e a linha fina são utilizadas como foco de atração do leitor, atraindo o interlocutor para ser consumidor da revista.

Figura I – Capa da Revista



Fonte: História em foco – História da escravidão – Ano 2, nº 3 – 2017.

No texto exemplificado, a composição espacial segue a distribuição das imagens e cores com o verbal. O texto multimodal selecionado é construído com o quadro, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, que está disposto no centro da página; acima e abaixo da imagem, nesse quadro, está o texto verbal. Segundo Kress e van Leeuwen (1996), no aspecto composicional, o que está em cima representa o “ideal”; em baixo, o concreto, o “real”. Neste caso, o ideal está presente em “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. E o concreto é a “Desigualdade social” e que veio historicamente da relação dos senhores e escravos.

A capa da revista é construída com uma estratégia argumentativa de apresentar o sentido mais global que agrupa todos os textos publicados: “História da Escravidão”. Trata-se de uma revista de historiografia, e o produtor vai utilizar a imagem de Debret, que está modificada pelo historiógrafo, e passa a representar, também pela intertextualidade, a escravidão como injustiça; violência, que causa desigualdade social sofrida pelo negro escravo no Brasil e produziu, durante todo tempo da escravidão, uma sinistra herança do regime escravocrata, a prática de preconceitos sofrida pelo negro ainda na atualidade.

O texto tomado é um texto multimodal historiográfico e apresenta a sua composição com os intertextos artísticos e historiográficos. O visual é artístico e o verbal é historiográfico. O presente texto imagético é contraditório com o texto

verbal. No alto, o produtor apresenta como manchete a diferença entre as lexias “História da Escravidão”, seguidas de linha fina com informações históricas da escravatura. No centro está situado o **segmento 1**: “A violência no Cativo – Os abusos dos senhores eram tolerados pelas autoridades”. As várias atrocidades e perversidades sofridas pelos negros africanos no Brasil eram legitimadas e praticadas pela Igreja, pelos seus senhores e pelas demais autoridades que faziam parte da estrutura social da época.

Embaixo, segundo Kress e van Leeuwen, está situado o concreto, ou seja, fatos ocorridos e vivenciados socialmente, apresentados no - **segmento 2**: “Desigualdade Social”. As imposições, trabalho árduo chegando a 18 horas por dia, maus tratos, castigos de todos os tipos, eram relegados à condição de animais, usados e abusados por meio de sua força produtiva, a procriação para engordar o capital do senhor, objetos sexuais e fadados a morrerem em tais condições sem esperança da tão sonhada liberdade. Dependendo do papel social atribuído na estrutura social, o negro pode ser representado com valor positivo ou negativo, mas sempre inserido e representado enquanto símbolo da desigualdade social.

Já o **segmento 3**: “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos” explicita a relação do regime escravista e a condição dos negros escravizados trazidos para o Brasil. Embora o regime tenha teoricamente sido extinto com a assinatura da lei Áurea em 1888, o racismo perdura em suas várias faces e formas de representação. O substantivo “herança” pode ser analisado pela perspectiva positiva e negativa a partir do ponto de vista do analista. **Contexto 1**: como valor positivo, em se tratando das várias contribuições afro na construção e desenvolvimento cultural, linguístico, físico, gastronômico e social, ou seja, como uma das bases da constituição da sociedade brasileira. **Contexto 2**: como valor negativo, ao se considerar o olhar e concepção racista enquanto depreciador da cultura e dos bons costumes, corruptores da moral e da família, considerados ainda, sujeitos transgressores de toda ordem.

Todos os seguimentos que se encontram abaixo da página representam o concreto, ou seja, o acontecido, experienciado e vivido pelos brasileiros. O produtor do texto usa a estratégia de redução e expansão de informações para construir para o seu público alvo os sentidos mais globais que se pretende que o leitor construa. Trata-se, portanto, de uma estratégia persuasiva para levar o outro a aceitar a opinião do editor da revista de divulgação científica que se define pela intersecção dos discursos da história, do jornalismo e o da propaganda.

- o discurso da História, científico, tem por macroato de fala <<fazer –saber>> as descobertas da pesquisa científica;

- o discurso jornalístico, tem por macroato de fala <<construir a opinião para o público>> a respeito da escravidão no Brasil;

- o discurso propagandístico tem por macroato de fala <<fazer o interlocutor ser consumidor>> da opinião e comprar a revista.

A argumentação, no texto multimodal exemplificado, é orientada por esses três macroatos⁴ de fala inter-relacionados, de forma a obter o consumo da revista em circulação nacional ao mesmo tempo que se consome a opinião do editor e a descoberta realizada por historiógrafos.

Em sua composição, no alto da imagem, há o título “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” que são, em síntese, os segmentos verbais que se encontram na margem inferior da capa da revista e a margem superior, na linha vertical, apresenta uma unidade semântica. Estrategicamente, ao se trazer para a página de rosto os segmentos analisados acima, o produtor dessa multimodalidade argumenta para seduzir o interlocutor/leitor a ler o conteúdo da revista, pois cada um dos segmentos apresenta um resumo dos principais capítulos que compõem o volume dessa revista.

Em outros termos, os segmentos que se encontram são organizados pelos moldes do texto jornalístico: manchete e linha fina. Para que haja a construção da opinião, o texto guia o leitor na construção dos sentidos pela manchete e pela linha fina, de forma a construir argumentativamente a opinião para o leitor. Assim, a linha fina é um texto produzido pelas pessoas do corpo da revista e ao construí-lo é transmitido algum valor opinativo. A opinião é uma forma de conhecimento que tem valor positivo ou negativo na composição do texto para o leitor. A linha fina progride o texto da manchete de forma a persuadi-lo a ler no texto expandido aquilo que o editor quer.

A argumentação e a disposição espacial “no centro”

No centro, está situada, em toda a dimensão da página, o quadro de Debret. Este é expresso pela pintura por meio de imagens e cores distribuídas na linha horizontal de forma a expressar o “dado” e o “novo”.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), à direita, na composição da imagem, situa-se a informação nova, nesse caso, constitui-se pela omissão a todo e qualquer comportamento praticado pela esposa do senhor de engenho, bem como qualquer posicionamento ou conduta negativa e esta é construída argumentativamente por uma saliência em relação ao fundo. À esquerda, o “dado”, nota-se uma negra escrava no papel de mucama abanando sua senhora que está sentada e vestida com ricas vestimentas, muito bem adornada com colar, pulseiras, arranjo no cabelo e um leque em suas mãos, dando comida a uma criança negra e sem roupa, deixando entender uma relação confraternizante entre senhores e escravos.

À direita, há, ainda, dois negros, em ricos trajes – o que os diferencia dos negros da senzala – postados em posição

4. A teoria dos atos de fala teve seu início com os trabalhos do filósofo inglês John Langshaw Austin (1911-1960) e foi levada adiante por John Roger Searle (1932-) e, de certa maneira, por Jacques Derrida (1930-2004). Austin trabalhou nesta perspectiva e suas teses se encontram, principalmente, nos textos *Other Minds* (1946), *Word and Deeds* e *How to do Things with Words* (publicado postumamente em 1962) e elas versam sobre os usos da linguagem, principalmente sobre a interpretação de questões, exclamações, comandos, ou seja, sobre enunciados que não são unicamente descritivos.

servil, a serviço do luxo de seus senhores. Na imagem, os senhores estão jantando, sentados nos dois principais lados de uma mesa adornada com taças, pratos, talheres, alimentos e forrada com uma toalha de cor clara e também adornada.

O que está em primeiro plano na imagem são os negrinhos porque a partir deles são construídos os discursos “História da escravidão” e “Desigualdade Social”. Os dois negrinhos estão sem roupa, um em pé e o outro sentado no chão, comendo tranquilamente, participando do jantar, autorizados pelo senhor. Segundo Debret, era normal a mulher se distrair com os negrinhos que substituíam os “doguezinhos”, ou seja, os cachorros. Nota-se ainda o aspecto físico das crianças, elas têm uma barriga muito saliente, indicando, possivelmente, um quadro de verminose.

Os senhores são representados na imagem como senhores paternais e não como senhores injustos. Os negrinhos estão comendo com os patrões. Pode-se dizer que um aspecto negativo no quadro é a nudez das crianças, tratadas como objetos, animais de estimação. Como dito, os negrinhos participam do jantar por consentimento do senhor. A senhora age de modo maternal, pois ela dá comida do prato dela para uma das crianças e mostra que, embora maternalmente tratadas, eram injustiçadas e diferenciadas. Trata-se de uma casa de senhores de tradição e com poder aquisitivo.

O olhar da senhora estabelece uma transitividade com a criança negra. Esta, por sua vez, não estabelece reciprocamente a mesma transitividade, a relação da criança negra para com a sua senhora se dá pela linha do braço estendido ao receber o alimento. O negro que está mais centralizado na imagem, de pé e com os braços cruzados, estabelece uma transitividade com seus senhores e tem a função de servir a mesa. Possivelmente seu olhar está, também fixo, na comida posta, por sentir-se faminto ou mal alimentado. Os sujeitos representados na imagem não estabelecem transitividade com o leitor. A fisionomia do negro que está encostado na porta de braços cruzados é uma fisionomia séria, este tem a função de ponte entre a cozinha e a sala de jantar. Já o senhor está de cabeça baixa, concentrado em sua atividade e não estabelece transitividade com os demais integrantes da imagem.

A saliência está presente nos dois senhores. Na dimensão central da imagem, os dois negrinhos compõem o primeiro plano e negam os dizeres “Violência no cativeiro” e confirmam a “injustiça” e a “Desigualdade Social”. Isso explica a escolha do quadro e não outro para justificar as palavras “injustiça”, “violência”, “abuso”, “desigualdade” e “sinistra herança”.

No implícito, a desigualdade está presente na possibilidade de os negrinhos serem filhos do senhor com sua escrava, pois, na imagem, apenas os negrinhos não estão vestidos, permanecendo à margem de “seus direitos”. A cena focaliza, ainda, a distinção entre quem são os senhores e

quem são os cativos, sendo a cor um dos principais aspectos. Esses negros cativos, embora considerados inferiores, faziam parte da família. Os senhores, ao contrário dos negros, assumem uma postura de autoridade.

Os contextos no anúncio publicitário

Desde que se insira a categoria Cognição às categorias Sociedade e Discurso, todos os contextos são entornos mentais projetados no processo das informações do texto-produto, enquanto formas de representação mental, ou seja, formas de conhecimento sociais e individuais. Dessa forma, os sentidos produzidos são dependentes dos contextos ativados da memória de longo prazo para a memória de trabalho, a partir da percepção de como o texto multimodal está composto, a fim de serem produzidos os sentidos. No texto exemplificado, poder-se-ia, a partir de sua composição, situar os seguintes contextos: social, cognitivo e histórico.

O contexto social é formado pelos grupos sociais selecionados de fontes que compõem as cognições sociais. No quadro de Debret, apresentado a título de exemplificação, o contexto social brasileiro é relativo ao ano de 1827, período posterior à Proclamação da Independência, datada em 1822. O ano de 1827 também é marcado pela Lei de Primeiras Letras aprovada pelo Império e a “Lei para inglês ver”, que embora existisse, não dava condições de sobrevivência ao negro fora da casa de seu senhor, por isso ele se mantinha naquele espaço, na mesma subserviência e escravidão total.

As identidades dos papéis sociais do negro são modificadas, pois são representados pela escravidão, que é, por sua vez, representada pelos papéis de servidão e de subserviência mantidos ao longo de séculos pelo sistema escravocrata brasileiro que tem o negro como objeto de compra e venda. Mantém-se, ainda, uma relação entre os membros internos, os dominados, que obedecem ao poder, e os membros externos, que dominam e manipulam o poder. A representação do negro é ideológica, pois tem valor negativo extra-grupal na sociedade brasileira, cujas raízes históricas situam-se no discurso histórico e político de modo a garantir e manter as cognições sociais.

O contexto cognitivo é composto pelas crenças sociais da audiência, de forma a produzir um entorno relativo às identidades sociais e suas relações entre as pessoas. Segundo as cognições sociais, ideologicamente, a escravidão é representada com valor positivo por aqueles que a defendiam e a praticavam e, com valor negativo por aqueles que reprovavam tais práticas, propiciando a sua discriminação social. Nesse texto, há, portanto, uma relevância, com alto grau de informatividade, que obriga o interlocutor a mudar o seu contexto cognitivo que vinha sendo construído com os conhecimentos sociais ativados da memória de longo prazo: o verbal e o visual representam um momento do sistema

escravocrata brasileiro ao apresentar a imagem retratando os papéis sociais desempenhados pelos negros em um quadro de Debret ao retratar o Jantar no século XIX. Dessa forma, o contexto cognitivo cria o entorno para definir os modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso: a função textual do tema, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” e outros comentários como “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos”.

O contexto histórico é construído com a ativação de conhecimentos que situam cronologicamente os eventos no mundo. O tempo cronológico selecionado é o período da Escravidão no Brasil, tendo por cenário a Violência no cativo e a desigualdade social.

Considerações

A escravidão é uma das maiores vergonhas já testemunhadas pela humanidade. No Brasil, sob o mandonismo de cruéis senhores, o negro, ao longo de 400 anos, em qualquer papel social que desempenhasse, suou e sangrou ao longo de sua breve e limitada existência. As atrocidades sofridas pelos negros africanos iniciavam com a logística do tráfico, passando por todo o processo de terror e se estendendo ao preconceito e à discriminação racial, resultando nas desigualdades sociais.

Os resultados das análises apresentadas indicam que a representação do negro na imagem do Debret, intitulada *O jantar*, é uma relação de exploração e subserviência, ficando evidente, por meio da composição do verbal com o visual, o seu papel social naquele período, evidenciando a desigualdade social. Essas representações são ideológicas, na medida em que discriminam socialmente a figura do negro escravizado e coisificado: a) pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b) pelos papéis desempenhados pelos negros escravos ocupando um lugar de humilhação, servidão e obediência.

Os resultados apresentados indicam, também, que os elementos selecionados pelo produtor participam de sistemas sociais de cognição (simbólico, interacional e enciclopédico), armazenados na memória de longo prazo das pessoas, após terem sido processados por elas. Todavia, é necessário considerar que a ativação do armazenado nem sempre é consciente, pois a ideologia do poder, que tem acesso ao público, pelos discursos, passa a dominar a mente das pessoas, levando-as a sustentar essa ideologia por sua reprodução textual, no e pelo discurso, por meio de argumentos de persuasão. As estratégias resgatadas são de seleção, cancelamento, realce, construções e explicitações opinativas e de complementaridade de sentidos entre o imagético e o verbal.

Em síntese, na interação comunicativa entre as pessoas, todas as práticas sociais e os textos estão inter-relacionados, de

algum modo, às formas de conhecimento, às representações mentais sociais e individuais que são crenças originadas no social. Logo, são as representações que guiam as ações das pessoas no mundo, tanto para manter quanto para modificar, dinamicamente, a memória social. Os dados apontados abrem novas perspectivas de pesquisa para se tratar de outros gêneros discursivos que utilizam textos multimodais para a sustentação do preconceito racial no Brasil.

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KINTSCH, Walther; van DIJK, Teun. *Strategies discursive comprehension*. London: Academic Press, 1983.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnould, 2001.

_____. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

ILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura. In: PIRES, Leda Corrêa; BEZERRA, Antônio; CARDOSO, Denise (Orgs). *O texto em perspectiva*. Aracaju: UFA, 2009.

van DIJK, Teun. *Racismo y análisis crítico de los médios*. Madrid: Paidós, 1997.